

## Como licenciandos avaliam o predomínio da *abordagem comunicativa não-interativa / de autoridade* em professores de Química no Ensino Médio?

Flávia F. Avelar<sup>1</sup> (IC)\*, Murilo C. Leal<sup>2</sup> (PQ). [flaviafavelar@yahoo.com.br](mailto:flaviafavelar@yahoo.com.br)

1- Licenciatura em Química. UFSJ. Praça Dom Helvécio, 74. 36.301-170 – São João del-Rei/MG

2- Departamento de Ciências Naturais. UFSJ. Praça Dom Helvécio, 74. 36.301-170 - São João del-Rei/MG

Palavras Chave: *professores de química, percepção de licenciandos, abordagem comunicativa*

### Introdução

De acordo com Mortimer e Scott<sup>1</sup>, existem quatro tipos de abordagem comunicativa na condução do discurso nas salas de aula: interativo / dialógico, não-interativo / dialógico, interativo / de autoridade e não interativo / de autoridade. O conceito de abordagem comunicativa fornece a perspectiva sobre como o professor trabalha em sala de aula suas intenções e o conteúdo do ensino. As concepções de 'dialógico' e 'de autoridade' foram tomadas do trabalho de M. Bakhtin<sup>2</sup>. Na abordagem não-interativa / de autoridade, o professor considera o que o estudante tem a dizer apenas do ponto de vista do discurso científico escolar que está sendo construído, apenas uma 'voz' é ouvida e não há inter-animação de idéias. Uma avaliação recente de Didática de Química do curso de licenciatura da UFSJ trouxe a seguinte questão: "O tipo de abordagem não interativo / de autoridade parece-me ser, de longe, o mais comum nas escolas. Em seu entendimento, por que é assim?" Este trabalho constitui o resultado da análise das respostas dos 16 estudantes que fizeram a avaliação, utilizando a metodologia "análise de conteúdo"<sup>3,4,5</sup>.

### Resultados e Discussão

Foram utilizadas as seguintes categorias na análise: (a) como agem os professores, (b) porque agem desse modo, (c) conseqüências da abordagem adotada e (d) alternativas (que os alunos por ventura indicam em suas respostas). As aulas são consideradas como sendo muito repetitivas em sua forma. Os professores só expõem um assunto e comentam sobre ele. Não há espaço para intervenções e, com isso, não ocorre interação. Nesse caso, o professor é o único que fala em sala de aula, não considerando a opinião dos alunos nem os seus conhecimentos prévios. Em relação à categoria (b), para alguns professores, esse tipo de aula parece ser suficiente para o bom aprendizado, não é preciso inovar; ou obedecem a uma rotina para não terem surpresas (indesejáveis) criadas pelos alunos. A não disposição para inovar aparece relacionada a dois fatores: por um lado, a inovação pode favorecer o censo crítico do aluno (e surpresas indesejáveis) ou, por outro lado, falta a motivação pessoal, os professores acham que sua profissão não está sendo valorizada como deveria. Em

decorrência de tais condutas (categoria c), os alunos acabam perdendo o interesse pelas aulas e a conseqüência disso é o seu mau desempenho. Acaba-se gerando antipatia e insatisfação entre professor e alunos. Em oito respostas, aparecem sugestões de alternativas à abordagem comunicativa em discussão. Antes de tudo, é preciso que o professor queira mudar, ouse inovar. É preciso que o professor ouça mais seus alunos, dialogue mais, crie situações onde os alunos possam opinar. É preciso que o professor crie uma certa cumplicidade com os alunos, "deixando um pouco de lado o seu autoritarismo".

### Conclusões

O conjunto de respostas analisadas apresentou um bom nível de apresentação e articulação de idéias e, antes de tudo, de compreensão do conceito de abordagem comunicativa não-interativa / de autoridade. Este tipo de abordagem comunicativa é visto como inadequado pelo grupo de licenciandos e pode funcionar como mecanismo de defesa contra possíveis situações embaraçosas; isso seria indicativo de insegurança profissional. A falta de diálogo, de interação, prejudica muito a relação professor-alunos e, conseqüentemente, a consecução de uma aprendizagem mais significativa. Finalmente, concordamos que a abertura para o conflito de posições e a troca de idéias e um relacionamento mais estreito tendem a tornar as aulas mais apreciadas pelos alunos com conseqüente ganho para a aprendizagem.

### Agradecimentos

Agradecemos ao PIC/UFSJ, pelo apoio financeiro, na forma de bolsa de iniciação científica.

<sup>1</sup> Mortimer, E. F.; Scott, P. Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. *Investigações em Ensino de Ciências*, v.7, n.3. 2002.

<sup>2</sup> Bakhtin, M. M. *Questões de literatura e de estética* (a teoria do romance). São Paulo: Editora UNESP, 1993.

<sup>3</sup> Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

<sup>4</sup> Sant'anna, F. M. *Aplicabilidade da análise de conteúdo à pesquisa educacional*. Educação e Realidade. Porto Alegre. v.4, n.1, p.89-100, jan./jun. 1979.

<sup>5</sup> Leal, M. C.; Silva, G. L. Concepção de ciência de jovens escolarizados. *Vertentes*, n. 10, p. 67-73, jul./dez. 1997.